

# ENSINO DE CRIANÇAS COM GAGUEIRA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE UM MUNICÍPIO DO NORTE DO PARANÁ

Marília Bazan Blanco<sup>1</sup>  
Isair Chagas Machado<sup>2</sup>  
Thayná Carolline Janoni<sup>3</sup>  
Ariane Aparecida de Oliveira<sup>4</sup>

## RESUMO

A gagueira é uma dificuldade na fala que tem início na infância, e se caracteriza pela excessiva repetição de palavras monossilábicas, de sílabas ou de sons. Sabe-se que a dificuldade na fala pode acarretar dificuldades escolares e afetar a autoestima da criança, com consequências em sua vida escolar e social; por isso, é necessário que professores e familiares compreendam a gagueira e possam orientar as crianças em seu processo de desenvolvimento, e amenizar as consequências do transtorno. A partir dessas afirmativas, levantou-se um questionamento sobre quais as estratégias são utilizadas pelo professor no ensino de crianças com gagueira em sala de aula. Assim, a presente pesquisa de levantamento tem como objetivo geral analisar as metodologias de ensino utilizadas por professores da rede municipal de ensino, anos iniciais do Ensino Fundamental, de um município do norte do Paraná, no atendimento de crianças com gagueira. Apresenta ainda como objetivos específicos identificar a incidência da gagueira nas escolas municipais e discutir quais as estratégias utilizadas e as dificuldades apresentadas pelos professores no atendimento dessas crianças. Para tanto, aplicou-se questionários nos professores das escolas municipais que possuem alunos com gagueira, sendo os dados analisados qualitativamente. Por meio dos resultados, foi possível analisar as dificuldades dos alunos com gagueira durante as aulas, as estratégias utilizadas pelos professores para com esses alunos, o apoio fornecido pela escola e a orientação fornecida por profissionais da saúde (fonoaudiólogo, médico, psicólogo, entre outros) sobre como trabalhar com esses alunos. A partir do levantamento, foram identificados quinze casos de gagueira nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas escolas municipais do município *locus* da pesquisa. De acordo com os professores, as crianças com gagueira apresentam dificuldades de comunicação e expressão, na leitura e escrita, dificuldades na produção de texto e dificuldades de convivência, sendo mais tímidas e ansiosas. A maioria afirmou utilizar estratégias diferenciadas, destacando a orientação para uma fala pausada ou no tempo do aluno, repetir de forma espontânea as palavras com mais dificuldade, incentivar a fala e a participação no grupo, e ainda, a utilização do método fonovisuoarticulatório. No entanto, alguns professores sugeriram que, como os alunos frequentam o atendimento educacional especializado em contraturno, ou recebem atendimento

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia. Docente do Centro de Ciências Humanas e da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Cornélio Procópio.

<sup>2</sup> Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Cornélio Procópio.

<sup>3</sup> Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Cornélio Procópio.

<sup>4</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Cornélio Procópio.

clínico, não precisam utilizar estratégias diferenciadas, atribuindo essa função aos professores da educação especial ou profissionais da saúde. Quanto às dificuldades, relataram não receber apoio da escola e nem orientação dos profissionais da saúde sobre como trabalhar com esses alunos. Uma vez que as atitudes do professor podem afetar negativamente a aprendizagem do aluno com gagueira, destaca-se a importância do conhecimento do transtorno e das estratégias de trabalho por parte desse profissional, para que possa favorecer a aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos.

**Palavras-chave:** Gagueira; Dificuldade de aprendizagem; Formação de professores.

## **Introdução**

A gagueira é uma dificuldade na fala que tem início na infância, e se caracteriza pela excessiva repetição de palavras monossilábicas, de sílabas ou de sons, sendo predominante no sexo masculino (ASSOCIAÇÃO PSICOLÓGICA AMERICANA, 2014). Problemas na fala pode acarretar dificuldades escolares e afetar a autoestima da criança, por isso é necessário que professores, profissionais da saúde e familiares compreendam a gagueira e possam auxiliar as crianças em seu desenvolvimento escolar e social, assim como na prevenção de suas possíveis consequências. Frente a esta realidade, levantou-se a seguinte questão: Quais as estratégias são utilizadas pelo professor no ensino de crianças com gagueira em sala de aula?

A presente pesquisa de levantamento tem como objetivo geral analisar as estratégias de ensino utilizadas por professores das escolas de um município do Norte do Paraná, com crianças que apresentam gagueira. Apresenta ainda como objetivos específicos identificar a incidência da gagueira nas escolas municipais e discutir as dificuldades apresentadas pelos professores no atendimento dessas crianças.

Para tanto, foram aplicados questionários nos professores das escolas municipais de um município da região Norte do estado do Paraná, que possuem alunos com gagueira, sendo os dados obtidos foram analisados qualitativamente.

## **A etiologia da gagueira**

Dados da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) mostram que 1% da população apresenta gagueira. Destas, cerca de 10% apresentam gagueira grave e 6% muito grave (TORREZAN, 2011). De acordo com Oliveira (2011), a prevalência da gagueira infantil é de 5%, sendo o distúrbio da fluência com maior prevalência na população.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais DSM-V (ASSOCIAÇÃO PSICOLÓGICA AMERICANA, 2014), são características da gagueira a repetições de sons e sílabas, prolongamentos de consoantes e vogais, palavras interrompidas

(ex. pausa em uma palavra), bloqueio audível e silencioso (causas preenchidas ou não preenchidas na fala), substituições de palavras para não criar palavras problemáticas, palavras produzidas com excesso de tensão física e repetição de palavras monossílabas.

Para Oliveira *et al* (2010), a gagueira é caracterizada por interrupções da fala, o que impossibilita a sua produção de forma contínua, suave e sem esforço, e Oliveira e Friedman (2006) relacionam a gagueira a uma dificuldade motora na produção dos sons, fazendo com que ocorra um aumento de tempo na execução desses sons, sílabas, palavras e frases.

De acordo com Oliveira *et al* (2010), a gagueira é multidimensional, pois nela interagem fatores biológicos, psicológicos e sociais. A etiologia orgânica, considerada a mais aceita atualmente, relaciona a gagueira a falta de especialização nos circuitos neuronais da parte motora e pré-motora do lado esquerdo, distúrbio nos sistemas motores no hemisfério cerebral esquerdo, alterações da bioquímica cerebral, alterações nas ondas cerebrais ou no monitoramento auditivo, nos mecanismos ou na coordenação da fala (CUPELLO, 2007).

A prevenção da gagueira deve acontecer a partir da percepção dos pais de que a criança está gaguejando, com a busca de diagnóstico e intervenção precoce (BARBOSA; CHIARI, 1998). Uma vez que, nessa mesma idade, a criança geralmente passa a frequentar a escola, os professores também precisam ser orientados quanto ao trabalho com a criança com gagueira, para que esta seja feito de forma consciente (BARBOSA; CHIARI, 1998)

Para Barbosa e Chiari (1998) o trabalho preventivo consiste basicamente em fornecer informações sobre o desenvolvimento da linguagem e sobre a gagueira. Segundo Oliveira *et al* (2010), para preservar a autoestima da criança com gagueira, o tratamento deve ter início precoce e contar com a participação de professores e familiares junto com o fonoaudiólogo.

### **A criança com gagueira na escola**

A fase escolar é um momento decisivo na vida social da criança, mas para as crianças com transtorno na fala, também é um momento de muitas dificuldades, já que a fala é solicitada em diversos momentos na sala de aula (OLIVEIRA, 2011). Além disso, estudos apontam que crianças gagas possuem também outros problemas de linguagem (SILVA, 2004; MERÇON; NEMR, 2007), como dificuldades no desenvolvimento de tarefas metalinguísticas e na gramática.

Para Silva (2004), diversos fatores influenciam a vida da criança com gagueira nesta fase: os professores que ignoram as suas dificuldades; sentimento de frustração em relação aos colegas e isolamento, por medo de gozações.

Para Celeste, Russo e Fonseca (2013), problemas de integração social e dificuldades escolares podem ser amenizadas com ações pedagógicas, e assim, o professor tem papel importante no processo de ensino aprendizagem, devendo ter um conhecimento científico da gagueira. De acordo ainda com Silva e colaboradores (2016), as atitudes tomadas pelo professor podem afetar o desenvolvimento do aluno com gagueira, por isso o professor deve receber orientação de especialistas, como o fonoaudiólogo, que irá apresentar métodos diferenciados para trabalhar com esses alunos.

## **Metodologia**

Para realização da pesquisa, inicialmente foi feito um levantamento, junto a Secretaria Municipal de Educação, das escolas que possuíam alunos com gagueira no ano de 2016. A partir disso, elaborou-se um questionário, com questões abertas e fechadas, visando identificar as dificuldades apresentadas pelas crianças com gagueira durante as aulas e dos professores no atendimento dessas crianças, as estratégias utilizadas pelos professores e o apoio e/ou orientação recebidos pela escola ou outros profissionais. Participaram da pesquisa doze professores, de sete escolas municipais, que foram identificados com as letras de A-K, e os dados foram analisados qualitativamente.

## **Resultados**

Após levantamento junto a Secretaria Municipal de Educação, foram identificados 15 casos de gagueira entre os 2346 alunos matriculados nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas escolas municipais. Em relação às dificuldades apresentadas pelos alunos com gagueira em sala de aula, os professores destacaram: dificuldades na fala, comunicação e na expressão, dificuldades na leitura e escrita, com erros ortográficos, dificuldades na produção de texto e dificuldades de convivência. Os professores relataram ainda que as crianças são tímidas e ansiosas, e que as dificuldades na fala se acentuam quando a criança fica nervosa.

Possui dificuldades na fala que são transpostas para a escrita, o que dificulta suas produções, possui muitos erros ortográficos devido suas dificuldades na fala. Também apresenta muita timidez por temer ser discriminado (Professora B).

Repetição de sílaba (parte da palavra), se ficar tenso é maior (Professora C).

Silva (2004) discute que essas dificuldades têm grande influência na vida do aluno, causando sentimento de medo, frustração e isolamento devido a gozação e zombarias dos colegas e aos rótulos que recebe. Ainda, a gagueira pode se agravar quando o aluno é exposto a algumas situações, como se expor em público.

Apenas um professor relatou que seu aluno não apresenta nenhuma dificuldade decorrente da gagueira, e outro, que seu aluno apresenta dificuldades de aprendizagem, mas não relacionadas a gagueira.

Quanto a utilização de estratégias ou metodologias específicas para trabalhar com o aluno com gagueira, sete professores responderam afirmativamente, e descreveram como estratégias ou metodologias utilizadas o método das boquinhas, orientar para uma fala pausada ou no tempo do aluno, a corrigir os próprios erros na escrita, incentivar a leitura em público e tentar acalmá-los durante a fala, dar atenção ao que o aluno diz e repetir de forma espontânea as palavras com mais dificuldade, incentivar a fala e a participação no grupo e pedir para que a leitura seja feita em dupla.

Em relação ao Método das Boquinhas citado, segundo Jardini (2010, p.01)

O Método Fonovisuoarticulatório, carinhosamente apelidado de Método das Boquinhas, utiliza-se além das estratégias fônicas (fonema/som) e visuais (grafema/letra), as articulatórias (articulema/Boquinhas). Seu desenvolvimento foi alicerçado na Fonoaudiologia, em parceria com a Pedagogia, que o sustenta, sendo indicado para alfabetizar quaisquer crianças e mediar/reabilitar os distúrbios da leitura e escrita.

De acordo com Seabra e Dias (2011) o Método das Boquinhas também é conhecido como método fônico. Esta proposta à alfabetização tem dois objetivos principais: ensinar as correspondências entre as letras e seus sons, e estimular o desenvolvimento da consciência fonológica, que se refere à habilidade de manipular e refletir sobre os sons da fala.

Quando associadas ao ensino das correspondências entre letras e sons, as instruções de consciência fonológica têm efeito ainda maior sobre a aquisição de leitura e escrita (SEABRA; DIAS, 2016, p.311).

Assim, identificou-se que o referido método apresenta resultados positivos, mas não foram encontradas referências que indiquem seu uso para alunos com gagueira.

Alguns professores relataram não utilizar nenhuma estratégia diferenciada.

Não, pois ele frequenta a sala de recursos no período vespertino (Professora K).

Pode-se destacar, de acordo com a fala da Professora K, que uma vez que o aluno frequenta a sala de recurso, o professor da classe comum não precisa se preocupar com o desenvolvimento de estratégias que facilitem a aprendizagem do aluno, sendo essa responsabilidade do professor especializado.

De acordo com Brasil (2009), é de suma importância que o professor do atendimento educacional especializado (AEE) tenha uma conexão com os professores da sala comum, sempre disponibilizando recursos pedagógicos que são usados nas salas de recursos, e também compartilhando das estratégias utilizadas.

Referente ao apoio que a escola oferece, sete professores responderam que não tem apoio da escola. Dos três professores que afirmaram ter apoio, responderam que os alunos são levados ao fonoaudiólogo especialista, e somente um respondeu que é utilizada a sala de recursos, como apoio.

Não, especificamente para a gagueira não; porém o menino faz sala de recursos e recebe atendimento fonoaudiólogo (Professora A).

Não. A família leva o aluno na fonoaudióloga, que orientou que fosse acompanhado também por uma psicóloga, mas não foi passado nenhuma orientação para a escola (Professora L).

De acordo com Celeste, Russo e Fonseca (2013), o professor tem papel importante no processo de ensino aprendizagem, e, portanto, deve ter um conhecimento científico da gagueira. Assim, seria importante que a escola oferecesse apoio ou capacitações para os professores, para que pudessem atender esse aluno de forma satisfatória.

Por último, em relação às orientações recebidas de profissionais da saúde sobre como trabalhar com as crianças com gagueira, dez professores responderam que não, e um respondeu afirmando ter recebido orientação, e assim trabalha de maneira diferenciada e com atividades diferenciadas, de acordo com a necessidade de cada aluno.

Não. A aluna frequenta a fonoaudióloga toda quinta feira na parte da manhã, mas nunca fui orientada a nenhum trabalho específico ou diferenciado com a aluna (Professora J)

Silva e colaboradores (2016) afirmam que é necessário que o professor tenha uma orientação de algum especialista, como o fonoaudiólogo, que irá apresentar estratégias

diferenciadas para trabalhar com esses alunos. No entanto, esta não foi à realidade encontrada no presente estudo.

### **Considerações finais**

Ao analisar as estratégias de ensino utilizadas por professores das escolas municipais, com crianças que apresentam gagueira, os professores relatam utilizar estratégias diferenciadas, e discutindo as dificuldades apresentadas pelos professores no atendimento dessas crianças, foi possível chegar à conclusão de que a maioria dos professores não recebe orientações de profissionais da saúde sobre como trabalhar com esses alunos, o que dificulta ainda mais no desenvolvimento dos alunos com gagueira.

Segundo Silva e colaboradores (2016)

“Estudos com educadores e pais de crianças com gagueira mostraram dificuldades quanto à forma de lidar com tais crianças. Atitudes negativas do interlocutor podem ocasionar prejuízos na habilidade de comunicação da criança com gagueira, sendo fundamental a abordagem de tal tópico em programas de formação para professores” (p.266).

Assim, destaca-se a importância da discussão do tema no âmbito educacional, pois devido a essa falta de orientação e de apoio das escolas, que ficou evidente com as respostas dos professores, a gagueira ainda é um assunto desconhecido pelos educadores. Devido a essa lacuna sobre o tema, os professores acabam usando o senso comum, e muitas vezes abdicando de seu papel em sala de aula, já que alguns alunos frequentam salas de recursos.

Silva e colaboradores (2016) destacam que a atitude negativa do professor para com o aluno com gagueira, pode prejudica-lo, e afetar sua habilidade de comunicação, por isso faz-se necessário que o professor saiba como trabalhar corretamente para que não prejudique o aluno e sim auxilie em seu desenvolvimento.

### **Referências**

ANDRADE, Claudia Regina Furquim de; QUEIRÓZ, Danilo Pacheco de; SASSI, Fernanda Chiarion. Eletromiografia e diadococinesia - estudo com crianças fluentes e com gagueira. **Pró-fono Revista de Atualização Científica**, Barueri, v. 22, n. 2, p.77-82, Apr./June 2010.

ASSOCIAÇÃO PSICOLÓGICA AMERICANA. **DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre Rs: Artemed, 2014.

BARBOSA, Lucia Maria Gonzales; CHIARI, Brasília Maria. **Gagueira etiologia, prevenção e tratamento**. Carpucuiba Sp: Pró Fono, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB n.º 13/2009. Diretrizes Operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. Diário Oficial da União, 25 de setembro de 2009.

CAVALCANTE, Meire. **Gagueira: como ajudar seu aluno a se expressar melhor**. 2005. Disponível em: <nova escola .org.br>. Acesso em: 25 abr. 2016.

CELESTE, Leticia Correa et al. Influência da mídia sobre o olhar pedagógico da gagueira reflexões iniciais. **Revista Cefac**, São Paulo, n. 12, p.01-12, 17 jan. 2012.

CUPELLO, Regina. **Gagueira: Uma visão neuropsicológica Avaliação e tratamento**. Rio de Janeiro: Revinter, 2007.

JARDINI, R. S. R. **Método das boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MERÇON, Suzana Maria de Amarante; NEMR, Katia. Gagueira e disfluência comum na infância: análise das manifestações clínicas nos seus aspectos qualitativos e quantitativos. **Revista Cefac**, São Paulo, n. 06, p.274-279, 05 abr. 2007.

OLIVEIRA, Cristiane Moço Canhetti de et al. Orientação Familiar e seus efeitos na gagueira infantil. **Rev Soc Bras Fonoaudiol**, Marília Sp, n. 10, p.115-124, 15 jan. 2010.

OLIVEIRA, Cristiane Moço Canhetti de. Fluência e seus Distúrbios. In: CAPELLINI., Simone Aparecida et al. **Tópicos em transtornos de Aprendizagem**. São José dos Campos Sp: Pulso Editorial, 2011. p. 27-39.

OLIVEIRA, Polyana S. de; FRIEDMAN, Silvia. **A clínica da gagueira e o livro infantil: considerações a partir de um caso**. *Distúrbio da Comunicação*, São Paulo, n. 18, p.223-239, 05 dez. 2006.

SEABRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Psicopedagogia**, São Paulo, v. 28, n. 87, p.306-320, jul. 2011.

SILVA, Anna Paola Maia da Gama. **Disfemia**. 2004. 52 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós Graduação Latu Sensu em Psicopedagogia Institucional, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Lorene Karoline et al. **Gagueira na escola: efeito de um programa de formação docente em gagueira**. 2016, vol.28, n.3, pp.261-268.

TORREZAN, Jéssika. **Tratamento adequado e contribuição de professores porem contribuir para melhoria da fala de alunos gagos**. São Paulo: Revista Educação, 2011.